



GÊNERO

SOARES, Barbara Musumeci; MUSUMECI, Leonarda. *Mulheres policiais: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (Coleção Segurança e Cidadania, nº 1)

## **A POLÍCIA NO FEMININO**

***Hildete Pereira de Melo***

Este texto, fruto dos estudos promovidos sobre segurança e cidadania no Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, trata de um tema explosivo da sociedade atual no seu binômio segurança e cidadania. Mas aqui estamos analisando a participação feminina não mais como “as mulheres que acompanhavam os exércitos”, como esposas, prostitutas, enfermeiras, lavadoras e comerciantes na retaguarda das linhas de combate, descritas dessa forma abundantemente desde o Império Romano. Nada mais distante do ser mulher do que a vida militar, cujos atributos de violência, brutalidade e coragem estão intimamente ligados aos estereótipos masculinos. Parece que a vida militar é incompatível com a natureza biológica feminina.

A irrupção do movimento feminista na arena política mundial e nacional, na segunda metade do século XX, derrubou parte desses mitos e as mulheres foram à luta para ocupar todos os espaços sociais. No Brasil, a democratização trouxe essa questão à tona e as polícias militares abriram suas portas para as mulheres. O estado de São Paulo era o único que já possuía anteriormente, desde 1955, um pequeno corpo de mulheres na Guarda Civil, o Corpo de Policiamento Especial Feminino. Esse contingente tomou o pomposo nome de I Batalhão de Policiamento Feminino e foi incorporado à Polícia Militar do Estado de São Paulo em 1975, ano dedicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) aos direitos femininos. Todas as outras unidades federativas incorporaram mulheres somente a partir dos anos 1980, no período de abertura política e sobretudo após a redemocratização.

As estudiosas e estudiosos do campo de gênero têm na leitura deste texto fluente uma excelente apreciação da introdução das mulheres no âmbito policial militar. O trabalho apresenta dados riquíssimos e de difícil acesso, e entrevistas interessantes sobre o que pensam as mulheres que escolheram essa profissão. É leitura obrigatória para todos aqueles que tratam de gênero, mercado de trabalho e segurança no Brasil.

O livro apresenta os resultados de uma pesquisa realizada pelas autoras, cujo objetivo foi conhecer os impactos da presença das mulheres nos efetivos das polícias militares brasileiras, tanto do ponto de vista da organização interna das corporações como da ótica das relações da polícia com a população. Expõe uma pesquisa qualitativa sobre as mulheres na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, bem como

***Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 255-256, 1. - 2. sem. 2006 255***



## GÊNERO

um levantamento quantitativo sobre os perfis das policiais militares brasileiras. O texto tem a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo apresenta um histórico da presença feminina na Polícia Militar fluminense, com informações quantitativas sobre a composição desse efetivo e um perfil das mulheres policiais entrevista para o estudo. Do segundo ao quarto capítulo são apresentadas as entrevistas realizadas com as policiais e suas opiniões sobre corrupção, melhor atendimento na prestação de serviços e a masculinização da cultura militar, dificuldades de vencer as barreiras desse viés estereotipado do masculino na profissão. O quinto capítulo traça um panorama da participação feminina nas polícias militares de 23 unidades federativas, com base num levantamento estatístico nacional. O sexto e último compara três situações pesquisadas mais detalhadamente pelo projeto – Rio de Janeiro, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. As conclusões são apresentadas como sugestões para uma política pública de gênero e polícia.

Uma das surpresas das conclusões do livro é que a abertura dos efetivos militares para o sexo feminino não resultou tanto da pressão dos movimentos sociais organizados e do diálogo com a sociedade. As autoras afirmam que foi mais resposta à crise interna vivida pelas polícias militares, relativa à imagem de corrupção e violência com que a sociedade via a instituição. Assim, as mulheres foram chamadas para humanizar o pelotão e mostradas nas atividades externas com grande visibilidade. Mas não houve uma política de inclusão das mulheres nesse espaço militar, muito ainda restando a ser feito, porque a incorporação feminina não pode limitar-se a “civilizar” as PMs, é preciso construir uma nova cultura policial, novos métodos de policiamento, políticas de segurança pública e outras relações das PMs com a população civil. Aí talvez as mulheres possam ser efetivamente incorporadas nessas atividades.

---

**256** *Niterói*, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 255-256, 1. - 2. sem. 2006